

BRASIL E PORTUGAL

por Mário Soares

Os portugueses adoram o Brasil. Têm boas razões para isso. Sentem-se, geralmente, orgulhosos por o Brasil se ter tornado um país emergente, uma grande potência mundial, com peso, não só na América Latina mas em todos os Continentes.

Nos últimos anos, a classe média portuguesa habituou-se a atravessar o Atlântico, não à procura de trabalho, como nos séculos XIX e XX, nem para fugir à ditadura portuguesa, como aconteceu nos anos trinta e quarenta, mas como turistas, para gozar as praias incomparáveis do Brasil, as paisagens e a simpática alegria do Povo.

Apesar disso, e de se terem desenvolvido, como nunca, as relações económicas e os investimentos, nos dois sentidos, entre os Estados e algumas empresas, há um desconhecimento incompreensível no que se refere aos modelos de desenvolvimento e às estratégias dos dois Estados, nos respectivos contextos: o Brasil, na Ibero-América; e Portugal, na União Europeia e em África. Apesar de ambos os Estados pertencerem, à Comunidade Ibero-Americana e à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), mas por enquanto tão só ao nível dos respectivos governos, sem, praticamente, haver suficiente conhecimento entre as sociedades civis e as suas elites, científicas, culturais e tecnológicas. Além de ser também quase inexistente o intercâmbio entre os Parlamentos e a troca de informações e experiências entre os Partidos Políticos dos dois Estados.

Vem isto a propósito, das próximas eleições presidenciais que vão ter lugar no Brasil e que são tão importantes. Os portugueses, indiscutivelmente, admiram o Presidente Lula da Silva. Sabem que tem sido um excelente Presidente e que deu um grande contributo para o salto qualitativo imenso do Brasil nos últimos dez anos. Mas isso não basta. É preciso conhecer melhor a política, a economia e a estratégia de desenvolvimento de um gigante que tem mais de 200 milhões de habitantes, que fala a língua portuguesa e tem uma unidade territorial e uma coesão interna, herdadas do império, apesar das grandes desigualdades sociais que, estando em regressão, ainda são muito grandes.

O futuro de um Estado em rápido progresso - em todos os aspectos - e a crescer mais de 6% ao ano, não depende, obviamente, de um só homem ou de uma eleição, mesmo num regime fortemente presidencialista, como é o caso.

Contudo, Lula da Silva está a terminar o seu segundo mandato e como não se pode recandidatar, a sua escolha para o substituir, já anunciada, vai ser Dilma Rousseff, ministra do seu Governo e candidata do seu Partido, o PT. José Serra, que deixou agora de ser Governador de São Paulo, onde fez um excelente lugar (87% dos eleitores paulistas assim o pensam), é também Candidato e pertence ao Partido Social Democrata Brasileiro (chamado tucano) de que foi co-fundador, com Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, o qual pôs em marcha o Plano Real, acabou com a inflação e permitiu o grande arranque político e económico, como ministro das Finanças e depois como Presidente.

As personalidades dos dois Candidatos - Dilma e Serra - muito diferentes nas suas formações, experiências e temperamentos, vão pesar muito nas eleições. Até agora, os prognósticos são difíceis. As sondagens dão uma vantagem de 9 pontos a José Serra. Mas tudo depende também dos respectivos partidos e do modo como se empenharem na batalha eleitoral. Há que contar ainda com o prestígio de Lula da Silva, que provavelmente fará campanha, e com o desprestígio do PT, o Partido do malfadado mensalão...

Um terceiro candidato possível teria sido Aécio Neves, neto do Presidente Tancredo Neves e ex-governador de Minas Gerais. Mas não quis. Foi convidado para candidato a Vice-Presidente de José Serra, mas também não aceitou. É um político que saiu de governador, altamente prestigiado, e do qual se espera um grande futuro na política brasileira. Como, aliás, o neto de Miguel Arraes, Eduardo Campos, actual Governador de Pernambuco...

Aécio preferiu candidatar-se ao Senado. Do meu ponto de vista, fez bem. Deu recentemente uma interessante entrevista à revista Veja, onde realça a importância da política e do serviço público, desde que exercido com ética e se saiba premiar, em todos os domínios, o mérito das pessoas que exercem cargos públicos. O Senado é o lugar próprio por onde deverão passar as reformas necessárias.

É curioso que há cerca de um ano fiz três longas entrevistas para a RTP 1 com políticos brasileiros. Talvez alguns telespectadores se lembrem. Imaginem com quem? Lula, José Serra e Aécio Neves. Acertei em cheio!

O período político que se está a abrir no Brasil é extremamente importante, para nós, portugueses. Daí o interesse em seguir, com atenção e em detalhe, a política brasileira. Sobretudo os nossos responsáveis políticos e os empresários. O Brasil representou no passado a nossa glória, de portugueses. Mas daqui por diante entrelaça-se, cada vez mais, com o nosso próprio futuro. Não o devemos esquecer...

A um mês da visita do Papa.

A Igreja Católica atravessa uma profunda crise existencial, como escreveu o grande teólogo alemão, Hans Küng, amigo e colega do Papa Bento XVI, numa excelente entrevista concedida ao Expresso, no passado sábado. Para Küng, o grande problema é o celibato dos padres. E acrescenta: "os problemas são tão antigos quanto o Concílio Vaticano II: celibato, proibição dos contraceptivos, ecumenismo, papel da mulher na Igreja".

Apesar de agnóstico e de racionalista, tenho um grande respeito por Hans Küng, teólogo e pensador alemão. Tenho estudado alguns dos seus livros, que são de um filósofo, altamente informado e sabedor. É autor de livros densos e interessantíssimos, como: "Existe Deus?"; "Vida Eterna?"; "O Cristianismo e as Grandes Religiões"; "O Princípio de todas as Coisas - Ciência e Religião"; "O Islão - História, Presente e Futuro", talvez o livro mais completo, actual e estimulante sobre o Islão, escrito por um católico e sacerdote. E vários outros, cujos títulos não me ocorrem.

Refiro Hans Küng não só para dar a conhecer alguns dos seus livros, aos meus leitores, mas também para reforçar a importância que tem o que disse na entrevista ao Expresso, acima citada. O Papa João XXIII nomeou-o - não é pequena coisa - Conselheiro Oficial do Concílio Vaticano II. A cujos ensinamentos e abertura de espírito - note-se - se considera fiel. Referindo-se a Bento XVI, conta: "concedeu-me quatro horas de audiência na residência de Castelgandolfo. (...) conversámos como dois colegas, o que me deu esperanças que iria retomar o caminho do Concílio Vaticano II. Não foi assim e toda a restauração está a ser um verdadeiro desastre".

Hoje, a Igreja Católica está a ser acusada - e todos os dias surgem, nos jornais internacionais, novos casos escandalosos - pela reconhecida pedofilia de muitos padres e mesmo bispos que exerceram abusos inqualificáveis sobre menores, deles dependentes. A Igreja - e o próprio Papa - pediram perdão às vítimas, reconhecendo a verdade dos abusos. Foi um passo importante. Mas será suficiente pedir perdão? Não terá havido uma conjura de silêncio, para deixar na impunidade os sacerdotes que cometeram tais crimes? Há já denúncias, nesse sentido, que não excluem a própria pessoa do Papa, quando foi Presidente da Congregação para a Doutrina da Fé, no tempo de João Paulo II. Uma espécie de ex-Santo Ofício da Inquisição, no tempo de João Paulo II. É, pois, de presumir que muitos casos tenham chegado ao seu conhecimento, sem que actuasse contra os delinquentes. Talvez porque achasse que a Lei Civil - que os condenaria, seguramente - não se devesse impor à Lei Eclesiástica.

Nos cinco anos que conta como Papa - Bento XVI tinha então 78 anos - cometeu gafes que provocaram polémicas com os muçulmanos, com os judeus e com os anglicanos. O que para uma Igreja que se pretende dialogante e ecuménica, não é salutar. Logo no início do seu Pontificado beatificou mártires da guerra de Espanha, mas só do lado franquista, quando a Espanha hoje é uma Democracia, e, reconhecidamente, houve mártires dos dois lados. Talvez, em parte, por isso, uma sondagem publicada no domingo passado, pelo "El País", no que se refere à Igreja Espanhola e a Sua Santidade, face à pederastia, deu a conhecer que 68% dos espanhóis dizem que o Papa não está actuando correctamente, contra 18% que pensam o contrário e 14% que não sabem ou não respondem. Quanto à Igreja Espanhola, 70% dos espanhóis dizem que não está actuando correctamente e só 13% afirmam que está.

A Igreja Católica deve pois cuidar-se porque as suas fragilidades e faltas não estão a ser nada bem acolhidas pelos fiéis. Bem pelo contrário: estão envergonhados e descontentes.

A Igreja Portuguesa é, quanto a mim, bem mais aberta e menos sectária do que a Espanhola. Aprendeu com a Revolução dos Cravos, que foi magnânima. Por isso me permito fechar esta breve reflexão com as palavras escritas, no último domingo por Frei Bento Domingues, outro teólogo que muito considero e estimo. Diz ele: "Alguns leitores, por razões diferentes, estranharam que eu tivesse escrito que a hierarquia não é a Igreja. A hierarquia é um serviço indispensável à Igreja, na Igreja de todos. Por outro lado, o Papa é o bispo de Roma, não o bispo de todas as dioceses católicas. A

responsabilidade pela vida da Igreja, vida do Espírito de Cristo, é colegial. A papolatria é uma doença que faz mal ao Papa, aos bispos, aos padres e, sobretudo, ao povo cristão".

Sábias e corajosas palavras. Veremos o que nos diz o Papa, em Portugal ...

O Congresso do PSD.

Terminou em festa e unidade, no domingo passado. Pedro Passos Coelho tinha sido já eleito, nas directas, como o líder do Partido, por esmagadora maioria. Vendo de fora, como simples observador e com a isenção possível, penso que o Congresso marcou uma viragem importante na orientação política do PSD, agora dirigido por Passos Coelho. Nos dois discursos que fez revelou-se não só muito hábil, politicamente, seguro de si e, sabendo o que quer e sem pressas...

Com Passos Coelho não vai continuar o clima de permanente críspação que criou Manuela Ferreira Leite. Porque o novo líder, inteligentemente, quer ver como as coisas vão evoluir e arrumar, com tempo, a sua própria Casa, que bem necessitada estava disso e ainda está.

Realmente, foi fácil constatar que houve muitas caras conhecidas - dos chamados barões - que não se dignaram participar no Congresso. A meu ver, foi um erro grave que cometeram, estando lá, a convite especial do líder, os derrotados Aguiar Branco e Paulo Rangel. Na verdade, houve ausências estranhas. Cito, entre outros: Francisco Balsemão, militante nº 1 e fundador do Partido, Marcelo Rebelo de Sousa, Pedro Santana Lopes, Marques Mendes, Pacheco Pereira e outros mais. Significa isto o início de uma conspiração? Não creio.

Julgo que não só menosprezaram, como político, Pedro Passos Coelho. Ficaram à espera do que iria acontecer no Congresso. Pois bem, houve entusiasmo, espírito de unidade, dado o cansaço que causou a "guerrilha interna" inútil e interminável de onde saíram. Os dois discursos de Passos Coelho foram sensatos e inteligentes, revelando, perante as suas tropas, uma grande dose de modéstia, equilíbrio e até de generosidade, para com os seus adversários internos da véspera. Por isso o ambiente geral me pareceu ser de satisfação, para alguns inesperada. Mas as grandes provações começam agora. Veremos o que se vai passar. Contudo, que se abriu um caminho novo e mais inteligente, abriu-se...

Lisboa, 13 Abril